



## Na posse de Eanes

**"NÃO SERÃO TOLERADAS  
TENTATIVAS DE CRIAÇÃO  
DE PODERES PARALELOS..."**

Tomou ontem posse o novo Presidente de Portugal, Ramalho Eanes. Centenas de pessoas participaram na sessão, que teve lugar em São Bento, nas instalações da Assembleia da República. Aos milhares, na praça fronteira, as gentes vitoriam o seu Presidente.

Um dia muito quente que congregou a atenção de todos os portugueses.

Uma jornada calma, mas não morna, temperada com frequência de entusiasmo e emoção. A posse do Presidente eleito juntou, em alguns pontos do percurso que liga o Palácio de Belém a São Bento, gente disposta a suportar o calor tórrido de uma tarde de Verão particularmente quente.

Concentradas frente ao edifício da Assembleia da República, milhares de pessoas tentavam resguardar-se à sombra bem pequena para acolher os que ousaram passar ali mais de uma hora de expectativa para verem o Presidente por si eleito e ouvir o seu discurso. Em Belém, a saída de Eanes foi festejada por uma pequena multidão concentrada na Calçada da Ajuda e nos acessos da Praça Afonso de Albuquerque. O serviço de ordem mal se fez sentir e as pessoas circulavam à vontade exteriori-

## Na posse de Eanes



Aplausos na bancada do PS



Eanes termina o seu discurso. O hemiciclo aplaude. Não na totalidade, como se vê



O Presidente cessante cumprimenta a esplança de Portugal



A multidão aguarda a saída do Presidente. Muita gente, entretanto, já se fora embora

zando a sua curiosidade. Apesar deste ambiente, uma casa comercial correu os taipais, não fossem concretizar-se certas ameaças que andaram no ar alguns dias antes. Palmas calorosas saudaram Eanes quando o carro oficial, precedido da escolta motorizada, desceu a calçada e tornou rumo em direcção à 24 de Julho.

A entrada do Presidente em São Bento fez-se num ápice. Muita gente não se apercebeu de que fora o general que havia chegado. A guarda de honra desfilou impecável em passo solene, varagoso, mas firme. Boinas negras (fuzileiros), vermelhas (comandos) e verdes (pára-quadistas) levantaram os entusiasmos dos presentes. Na multidão, assim como nas janelas dos prédios, viam-se bandeiras nacionais.

O discurso de Eanes foi atentamente escutado. Algumas passagens aplau-

diridas. Aplausos que se juntavam aos dos deputados e convidados, transmitidos, estes também, pelos alfaiatantes. "Não serão toleradas quaisquer tentativas de criação de poderes paralelos..." Cá fora, na Avenida D. Carlos I, bem junto aos manifestantes e rodeado por um dispositivo apreciável de segurança, alguns cartazes com Otelo, num sorriso partido, ornamentam as paredes de um partido que apoiou a candidatura deste militar. Não se via ninguém. "Não houve incidentes", confirmou a Polícia.

Fim da transmissão, a multidão quedou-se em espera. A sombra do edifício avançava. As bandeiras tremiam, nítidas nos seus símbolos. A expectativa crescia, embora as pessoas se mostrassem calmas, contentes. Um vago ruído de conversa foi tomando forma. Aguardava-se a saída de Eanes.

Depois de ter saído o corpo diplomático e muitas personalidades, Eanes

desceu as escadas. Com um sorriso sereno, respondeu à palavra de ordem gritada pela multidão: "Eanes, amigo, o povo está contigo!"

Tocado o Hino Nacional, entoadado pelos presentes, Eanes percorre as filas da guarda de honra a toda a largura da Assembleia. Com passos firmes, largos e decididos. A multidão, apinhada, gritava: "O povo escolheu, Eanes venceu!"

● J. M.

## A assembleia dividiu-se

As palavras do novo Presidente da República, no acto de posse, dividiram a Assembleia. Naturalmente. A divisão preexistia, veio das campanhas eleitorais. Mais concretamente, de dois anos

de mais ou menos democracia que temos vivido.

Ali em São Bento, na tarde de ontem, o PCP e a UDP manifestaram-se em oposição. Pelo silêncio, gelado silêncio, com que acolheram o discurso do Presidente, enquanto a sala — público e deputados — irrompia em estrondosos aplausos. Definiu-se a maioria presidencial, uma vez mais. No calor vibrante das palmas. PS, PPD e CDS constituiram, no hemiciclo, o apoio ao Presidente. Pelo que se viu, pela parte do CDS, um apoio reticente quando o general Ramalho Eanes (por duas vezes) falou em socialismo — apenas Amaro da Costa, acompanhado de dois ou três deputados centristas, aplaudiu. Os outros ouviram, quietos, as palmas.

Nas bancadas da esquerda (esquerda geográfica, na posição do hemiciclo), o PCP e a UDP foram oposição. A um Presidente da democracia. À própria democracia. Definiram-se. Já o estavam. Apenas no fim, encerrado o cerimonial, os deputados do PCP se levantaram e, educadamente, cumpriram a praxe do último aplauso. Só o deputado da UDP, isolado, sozinho, se manteve sentado. À sua frente, a uns dois metros, Costa Gomes, já ex-Presidente, deixava cair os braços.

O acto de posse de Ramalho Eanes como primeiro Presidente Constitucional da II República Portuguesa foi, sem dúvida, um momento histórico que importa fixar. No minuto em que o general Eanes prestou juramento, no minuto em que formalmente se tornou o Presidente de Portugal, o povo português acabara de ganhar uma importante batalha contra o totalitarismo, pela defesa e consolidação da democracia.

O resto é a reportagem que o jornalista descreve. Friamente. A sucessão dos factos: 18 horas menos 15 minutos — Ramalho Eanes, o vencedor das eleições presidenciais, chega a São Bento. Um batalhão dos Comandos da Amadora presta-lhe guarda de honra. Depois, entra no edifício, onde a Guarda Nacional Republicana, em grande uniforme, se alinha ao longo das escadarias e corredores.

18 horas menos 1 minuto — o general entra na Sala de Sessões da Assem-

bleia da República, repleta, precedida por elementos do protocolo e pelo Presidente da Assembleia. No hemiciclo, os deputados, membros do Conselho da Revolução, ministros do VI Governo Provisório, corpo diplomático, cardeal-patriarca de Lisboa, sentado à direita de D. Manuela Ramalho Eanes.

A passagem para a tribuna, onde vai prestar juramento, o novo Presidente cumprimenta Costa Gomes, o Presidente cessante. Depois, segue-se a leitura da acta, feita em voz pausada pela secretária da Assembleia. No uso da palavra, sucede-lhe o Presidente da mesma, o dr. Vasco da Gama Fernandes.

Quando o general Ramalho Eanes acaba de jurar por sua honra o cumpri-



"Estou certo de que todos assumiremos as responsabilidades históricas que nos cabem"

mento da Constituição, a banda da GNR entoa o Hino Nacional. Fala o presidente parlamentar. E, por fim, Ramalho Eanes, feito já presidente, lê um discurso preciso, programático: "Realizar Portugal novo nos limites velhos das suas fronteiras."

Chamado à varanda pelo manifestantes, o Presidente de Portugal passou, à saída, nova revista à guarda de honra e seguiu para Belém, onde, imediatamente, teria lugar uma sessão extraordinária do Conselho da Revolução, a primeira a que presidiu.

● A. M.



## O discurso do Presidente

Do importante discurso do general Ramalho Eanes, proferido na Sala de Sessões da Assembleia da República, no momento da sua tomada de posse como Presidente Constitucional da República Portuguesa, algumas passagens apontam para o significado político deste momento histórico. À atenção do leitor:

"... Foi um duro e difícil caminho de resistência até um 25 de Abril em que as Forças Armadas restituíram a este povo o seu próprio país. A este país o seu lugar no mundo e a si próprias a sua verdadeira função social.

Foi um movimento de juventude e de renovação, enraizado nas lutas de meio século, que não cedeu à tentação de usar o Poder em proveito próprio, antes soube devolver aos cidadãos a escolha do seu destino e a definição do seu futuro. Arrelgados que andávamos na prática democrática, inespérteis no campo da actividade sindical e cooperativa, condicionados por um sistema totalitário que lançava raízes nas formas de organização e nos comportamentos individuais, nem sempre as nossas experiências na construção difícil da democracia se ajustaram, nestes últimos dois anos, aos processos e às metas definidas pelos homens do 25 de Abril e por quantos se bateram para que Portugal e os portugueses fossem livres.

Mas a firmeza com que o povo português soube responder a todas as situações difíceis, a sua determinação de viver a liberdade e a paz, demonstraram a justiça do programa do MFA e a firme adesão do pov-





português à sua mensagem, que em 25 de Novembro de 1975 ficou de novo claramente expressa..."

"... A eleição do Presidente da República significou, de forma inequívoca e clara, a adesão a um projecto político que lhe foi apresentada sem ambiguidades e com realismo. Esta adesão responsabiliza todos os portugueses na participação efectiva na construção de um estado e de um regime de que a Constituição é o fundamento.

Definido este quadro, está delimitado o campo de actuação das forças políticas. Não há, pois, lugar para actuações que visem a restauração dum passado que o povo português claramente rejeitou, nem serão toleradas quaisquer tentativas de criação de poderes paralelos, radicados em actividades de carácter insurreccional que só podem conduzir de novo à miséria e à ditadura..."

"... Na Assembleia da República se consubstancia a própria democracia pluralista. A história do funcionamento dos parlamentos em Portugal constitui matéria de reflexão e fonte de ensinamentos. A oposição deve ter neste país um lugar e uma voz. Mas tem de constituir uma alternativa real, e não um mero exercício háldico de querelas partidárias, para que não transforme de oposição a um governo em oposição à democracia.

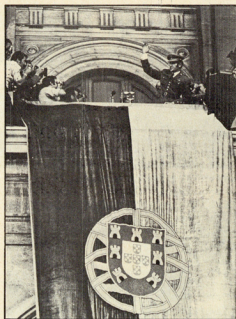
Hoje como em muitas encruzilhadas da nossa história, o povo português há-de reconciliar-se em torno de um projecto verdadeiramente nacional e erguer um mundo novo nos limites das suas fronteiras.

Hoje como sempre que esteve em causa o seu futuro.

Sabemos todos ser dignos dessa história e deste futuro; sabemos ser dignos do povo a que pertencemos e que Portugal se cumpra em Portugal.

ANTÓNIO RAMALHO EANES

## Na posse de Eanes



Após a sessão de posse, Eanes acena aos manifestantes



Revista à Guarda de Honra, frente a São Bento. Vasco Lourenço e um major dos Comandos sucedem o Presidente



Depois da cerimónia, um sorriso franco e confiante no rosto de Maria Manuela Eanes, acompanhada pelo filho

## DE UM PRESIDENTE DESIGNADO A UM PRESIDENTE ELEITO

Com a tomada de posse do general Ramalho Eanes, como primeiro Presidente constitucional da II República, verifica-se um salto de descontinuidade no processo político português. A imagem de um passado, consubstanciada na figura do Presidente cessante, contrapõem alguns a esperança de que uma época nova se inicie com o novo Presidente.

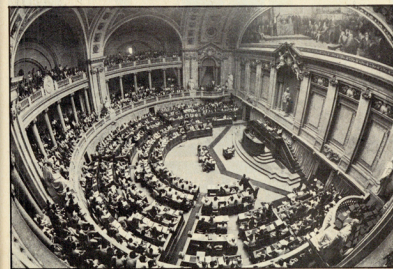
Com a tomada de posse do primeiro Presidente constitucional da II República, a democracia portuguesa entra no caminho de sua institucionalização, ao fim de dois anos de uma situação definida como "pré-democrática". O general Ramalho Eanes, Presidente eleito, sucede na chefia do Estado ao general Costa Gomes, alancorado à Presidência por obra e graça das flutuações resultantes de um ainda não esclarecido 28 de Setembro.

Costa Gomes foi um Presidente controverso. Antes dele, entre o 25 de

Abril de 1974 e os referidos acontecimentos de 28 de Setembro, foi Spínola quem, em Belém, dirigiu o Estado. O ex-general foi, igualmente, um Presidente controverso. Como controverso foi o curso da pré-democracia.

Diz-se (é o que consta em testemunhos, depoimentos e narrativas várias) que Francisco da Costa Gomes era o nome indicado pelos "capitães de Abril" para assumir a chefia da Junta de Salvação Nacional. Diz-se ainda (também consta de testemunhos, depoimentos e narrativas) que o general Costa Gomes, que, sob a vigência do Estado Novo ocupara, entre outros cargos, o de comandante-chefe das Forças Armadas em Angola, e de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas Portuguesas, foi um crónico conspirador contra o fascismo. Como quer que seja, e o que decisivamente importa, o nome deste general, enquanto Presidente da República, fica associado a perto de dois anos de instabilidade política, económica e social.

A imagem que dele nos ficou: a



indefinição, a hesitação, a indecisão nos momentos críticos. Uma personalidade cinzenta pairando sobre os acontecimentos, como no "Velho Testamento", o espírito de Deus pairava sobre as águas. Está por se saber em que medida a actuação do ex-Presidente influiu sobre os acontecimentos que vivemos durante este período ou em que medida foi deles consequência.

### NA CRISTA DAS ONDAS

Em 11 de Março de 1975, Costa Gomes estava em Belém. Aí ficou depois dessa data. Como antes e depois da assembleia militar de Tancos. Antes e depois do 25 de Novembro de 1975. Sempre sereno e "optimista" ("sou por natureza optimista", afirmou um dia aos jornalistas). Sempre discutando em voz pausada e rouca. Foi o Presidente do "gonçalvismo" e do pós-"gonçalvismo". Inalteradamente presidiu a cursos absolutamente contraditórios do processo político português. E, ao contrário de muitas personalidades militares, sobreviveu até 13 de Julho de 1976.

"Apenas tentei conduzir este barco, que era proceloso, com o máximo das calmas e a melhor segurança, para chegarmos a esta altura em que estamos prestes a institucionalizar a II República". Declarou Costa Gomes no passado dia 6. E, aproveitando o momento, autodefiniu-se: "Fui um político única e simplesmente por mera questão de ocasião."

Na euforia das estatizações, das expropriações de terras, foi o timoneiro da nau estatal. Como um anção da tribo, ouviu, tranqüilo e imóvel, sem pestanejar, os tribunos do radicalismo. E, uma vez mais, foi "optimista".

Depois, em pleno consulado de Vasco Gonçalves, participou no efermério triunvirato com o mesmo Vasco Gonçalves e o então general Otelo, o do COPCON "optimista".

Quando a movimentação popular, conduzida pelos partidos democráticos, exigia o afastamento de Gonçalves, o "indecidido", aguentou o contestado ex-general no cargo de Primeiro-Ministro. Contra o desejo dos militares, contra a opinião dos parti-

dos, contra a vontade do povo. Mas sempre "optimista".

Recolheu, em Belém, as vaias da turba "furista", que se dispusera a saudar Vasco Gonçalves e Costa Martins, que mereciam os seus aplausos. Serenamente voltou-lhe as costas. E permaneceu "optimista". Sobretudo, permaneceu.

Apenas quando a hora da retirada soou, Francisco da Costa Gomes revelou um insuspeitado pessimismo: "Ao contrário do que dizem alguns jornalistas e políticos, estamos longe de ter aquela situação que é absolutamente necessária para que uma nação possa singrar, sem grandes sobresaltos."

No acto sempre aborrecido das despedidas, a revelação das realidades tristes desenhou um paralelo: as palavras graves e catastróficas de Spínola, anunciando ao País a demissão. Visão irrealista, qualificou-as então Costa Gomes, o sucessor. Quem qualificará as palavras de Costa Gomes?

## NA "RESERVA DA REPÚBLICA"

Segundo alguns órgãos de Informação, o Presidente Costa Gomes recusou candidatar-se às eleições presidenciais para se colocar em "reserva da República". A comissão proponente da sua possível candidatura acabou, em grande parte, por apoiar Otelo Saraiva de Carvalho. Recusando a hipótese de novo mandato como Presidente, Costa Gomes não recusou todavia a missão que certa Imprensa lhe conferiu. Deduz-se das suas palavras: "Julgo que hoje tenho um capital de experiências e, até, de conhecimentos que pode ser aproveitado."

Noutra ocasião, o Presidente cêsante sublinhou que a nação investira nele um capital não desprezível. Preocupado com a economia do País, Costa Gomes não gostaria obviamente de o ver lesado com um infrutífero empage de capital...

Posto isto, conclui-se: Costa Gomes retirou-se da cena política. Na sua opinião talvez não em definitivo. Só que o País nunca pôde ser consultado a seu respeito. Mal ou bem, os

historiadores di-lo-ão um dia, cum-priuum mandato. Deu, por certo, "o melhor que tinha, da melhor boa vontade e o mais esforçadamente, ao País". E o povo, na sua proverbial sabedoria, há muito estabeleceu que quem dá o que tem a mais não é obrigado.

Que o general ponha a sua pessoa ao serviço da nação é uma atitude nobre. Registamos as suas palavras: "Julgo que não é fácil, nesta altura, encontrar muitas pessoas que, em determinados sectores do conhecimento, possam ter a mesma experiência e o conjunto de conhecimentos que adquiri ao longo de 45 anos de vida militar." Contudo, o País necessita de homens novos, com a energia necessária (e indomável) para resolver os graves problemas existentes. Ao ex-Presidente cabe o devido descanso de uma merecida reforma.

Um homem novo, com provas dadas, é, desde o passado dia 13. Presidente da República, por expressa vontade da Nação. O País confiou na sua vontade, na sua resolução demonstrada nos momentos difíceis que já vivemos. O País deu a Ramalho Eanes um mandato para que, na Presidência, assumisse o poder, na esperança de que, tendo em conta a Constituição, ele se sirva desse poder para impulsionar a urgente reconstrução nacional.

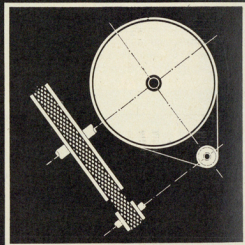
Pelas provas dadas na chefia do Estado-Maior do Exército, liquidando a anarquia "suvista" e estruturando um exército democrático digno desse nome, a nação viu nele o homem indicado para chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, função inerente à Presidência da República.

● AFONSO MANTA.

## Correias de Transmissão

em polyamide e couro-cromo ou elastomer

**SIEGLING** EXTREMULTUS



Para a Indústria, Agricultura, Navegação e Minas.

**GUSTAVO CUDELL, LDA.**

PORTO - Rua do Bolhão, 157  
LISBOA 5 - Avenida do Brasil, 88 A/B